



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

INSTITUTO DE ARTES E DESIGN

CURSO DE CINEMA E ANIMAÇÃO

O GLOBAL, AS IDENTIDADES CULTURAIS E O CINEMA:

UM OLHAR SOBRE *O BANHEIRO DO PAPA*

LEONARDO VIEIRA PEIXOTO

PROF. ORIENTADOR: GUILHERME DA ROSA

PELOTAS, DEZEMBRO DE 2010

O global, as identidades culturais e o cinema:

um olhar sobre O Banheiro do Papa¹

Leonardo Vieira Peixoto²

Resumo: A presente pesquisa visa observar a obra cinematográfica O Banheiro do Papa, de Cesar Charlone e Enrique Fernandez (Uruguai, 2007). O estudo visa colocar questões sobre a identidade cultural, a diferença e o confronto entre global e local na América Latina, com o objetivo de identificar o potencial desta obra para colocar em pauta estes processos. Para tanto, foi realizada, a partir de um cruzamento entre estudos culturais e análise fílmica, uma observação que aponta a vivência desses processos a partir daqueles que estão inseridos neles de forma inconsciente.

Palavras-chave: O Banheiro do Papa, estudos culturais, globalização.

Abstract: This research is about the observation of the cinematographic work The Pope's Toilet, by Cesar Charlone and Enrique Fernandez (Uruguay, 2007). The study aims to place questions about cultural identity and the confrontation between global and local in Latin America, with the goal of identifying the work's potential to put on the table other processes. For that, an observation which points to the living of this processes starting at those who are inserted in it unknowingly has been made, from crossings between cultural studies and filmic analysis.

Keywords: The Pope's Toilet, cultural studies, globalization.

1. Apresentação e caminhos metodológicos

Toda obra cinematográfica é um documento de sua época, sendo um documentário que possui o propósito de documentar ou um filme ficcional, pois este não perde o caráter de documento como “índice do mundo real”, mantendo a relação contígua com a realidade que nos fala João Moreira Salles (SALLES, p. 61.). Sendo assim, a modernidade e a questão da identidade não deixam de ser documentados

¹ Artigo apresentado como requisito para obtenção da graduação em Cinema e Animação do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, dezembro de 2010. Professor orientador: Guilherme Carvalho da Rosa.

² Acadêmico do curso de Cinema e Animação do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas

nas obras contemporâneas. O processo da modernidade comprime o espaço-tempo (HARVEY, 2003 p. 349); este processo e suas consequências culturais, como as narrativas de identidades nacionais (HALL, 1992), sugerem uma homogeneização das identidades. Esta tendência, porém, não se confirma quando processos globais como a abertura de mercados e a expansão das indústrias culturais, ao interferirem no local, geram uma tensão que não resulta na dissolução de um ou de outro, mas em uma negociação entre as partes. Na América Latina o processo de modernidade aconteceu tardiamente, o quê, a partir de uma dinâmica de descompassos e fraturas (MARTIN-BARBERO, 2005), afirma a diferença como característica das sociedades latino-americanas na dinâmica mundial. Assim, as produções cinematográficas desta região, sobretudo as que possuem indícios de territorialização, tendem a colocar em foco a representação das questões do global, a identidade cultural e a diferença.

De acordo com Néstor García Canclini, a política de *rejeição à diversidade nas indústrias culturais* influencia na formação da identidade cultural de povos que são convertidos em minorias e também é amplamente aplicada no campo cinematográfico, onde a imposição mercadológica do cinema estadunidense inibe a produção de outras localidades no mundo inteiro (GARCÍA CANCLINI, 2004). Neste contexto, sob o ponto de vista das lógicas estruturantes das indústrias culturais, grande parte da produção cinematográfica latino-americana acontece em um ambiente fora do sistema privilegiado pela globalização, porém influenciado por ela. Há, portanto, uma negociação entre o globalizado e o local, onde um depende do outro, sendo esta relação de diferença entre eles essencial (WOODWARD, 1999 p.14) para suas existências e fazendo com que esta negociação demarque a influência dos discursos.

Tendo estas ideias como ponto de partida e, conseqüentemente, as suas bases teórico-metodológicas, esta pesquisa busca a realização de um estudo da representação das identidades culturais a partir do espaço cultural latino-americano e seus produtos, mais especificamente a partir do cinema. Várias produções cinematográficas de realizadores latino-americanos pautam, potencialmente, estas

questões, tanto filmes “territorializados”³ como *Clube da Lua* (José Campanella, Argentina, 2004) ou *A Teta Assustada* (Claudia Llosa, Peru, 2009) como também os que abordam o global e seus impactos, como *Babel* (Alejandro Iñárritu, EUA/México, 2006).

O presente artigo terá como recorte o filme de Cesar Charlone e Enrique Fernandez, produzido em 2007, *O Banheiro do Papa*. Sendo uma obra produzida dentro da realidade latino-americana, apresenta-se como um objeto de estudo, à primeira vista, passível de um olhar sobre a questão do global, a identidade cultural e a diferença a partir do texto desta obra, tendo em vista o circuito da cultura de Richard Johnson (JOHNSON, 2006). *O Banheiro do Papa* é um filme com marcações definidas espacial e temporalmente. A narrativa se localiza na cidade uruguaia de Melo, próxima à cidade de Acegua, que se localiza na fronteira com o Brasil, fazendo divisa com a cidade brasileira de Aceguá, no ano de 1988, pouco tempo antes da visita do Papa João Paulo II à cidade de Melo. Escrito e dirigido pelos uruguayos Cesar Charlone e Enrique Fernandez o filme é uma co-produção franco-uruguaio-brasileira, sendo produzido pela Laroux Cine, com co-produção da O2 Filmes e Chaya Films, com recursos de produção e distribuição advindos da França, Brasil e Uruguai. Os atores principais são Cesar Trancoso, Virginia Méndez e Virginia Ruiz, que interpretam Beto, Carmen e Silvia, respectivamente. O personagem principal, Beto, sustenta financeiramente sua família, formada por sua esposa Carmen e sua filha Silvia, comprando mercadorias na Aceguá brasileira e levando-as ilegalmente para serem revendidas em Melo, atravessando a fronteira de bicicleta. Entre os habitantes da cidade existe um clima de euforia: o Papa irá chegar e, junto dele milhares de pessoas, seguidores católicos vindos das localidades vizinhas e, principalmente, muitos brasileiros que irão cruzar a fronteira para ver o Papa, o que se caracteriza para a população como oportunidade para lucrar vendendo todo o tipo de alimentos, bebidas e souvenirs. Beto mostra-se, primeiramente, resistente a possibilidade de tentar lucrar com a visita do Papa;

³ Filme Territorializado: filmes que em seu texto possuem marcas que delimitem o seu espaço, demarcando um território e caracterizando uma comunidade específica. (Nota do Autor)

porém, acaba decidindo construir um banheiro para que todos o usem após consumir toda comida e bebida que estará à venda.

Tendo em foco a representação do processo de globalização, a partir do cinema, também considerando a vivência de uma modernidade tardia, busca-se, considerando o cinema como um processo de comunicação, realizar uma pesquisa pautada por opções teórico-metodológicas dentro do que é identificado como estudos culturais na pesquisa em comunicação. Esse campo de estudos essencialmente interdisciplinar, considera a interdependência dos processos culturais, ou seja, lança um olhar dialético/interpretativo sobre estes processos, não os caracterizando como processos isolados, cruzando estruturas e condições materiais de bases marxistas com questões que se originam das experiências dos sujeitos e da vivência das práticas culturais.

Essa interdependência caracteriza uma relação dinâmica com outras esferas, principalmente com a estrutura ou os processos produtivos. O interesse central dos estudos culturais é perceber as intersecções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais (ESCOSTEGUY, 2001 p.49).

Partindo destas opções oriundas dos estudos culturais, como balizamento metodológico, a obra cinematográfica será observada a partir do momento texto integrante do circuito da cultura de Richard Johnson (JOHNSON, 2006 p. 35).

O “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis. O texto é apenas um *meio* no Estudo Cultural; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito, etc.) podem ser abstraídas. (JOHNSON, 2006 p.75).

O autor ainda acrescenta que a leitura pode ser vista não como recepção ou assimilação, mas como sendo, ela própria, um ato de produção. (JOHNSON, 2006 p. 87). Johnson, a partir da contribuição de outros estudos, descreve o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais através de um diagrama (figura 1) onde as diferentes etapas estão colocadas separadamente, porém, são interligadas, demonstrando que cada ponto do circuito é específico e o sujeito de um deles não necessariamente enxerga o que ocorre no outro, o que não exclui a dependência que existe entre eles. As setas laterais estão presentes para afirmar a

grande influência que as condições específicas em que os momentos de produção e leitura acontecem. Condições tais como os recursos disponíveis ao produtor ou o repertório de conhecimentos do leitor. A análise, a partir deste circuito elaborado por Johnson, advém da escolha pelos estudos culturais, pois o autor afirma que ele poderia “servir como guia que apontasse quais seriam as orientações desejáveis de abordagens futuras” (JOHNSON, 2006 p. 33).

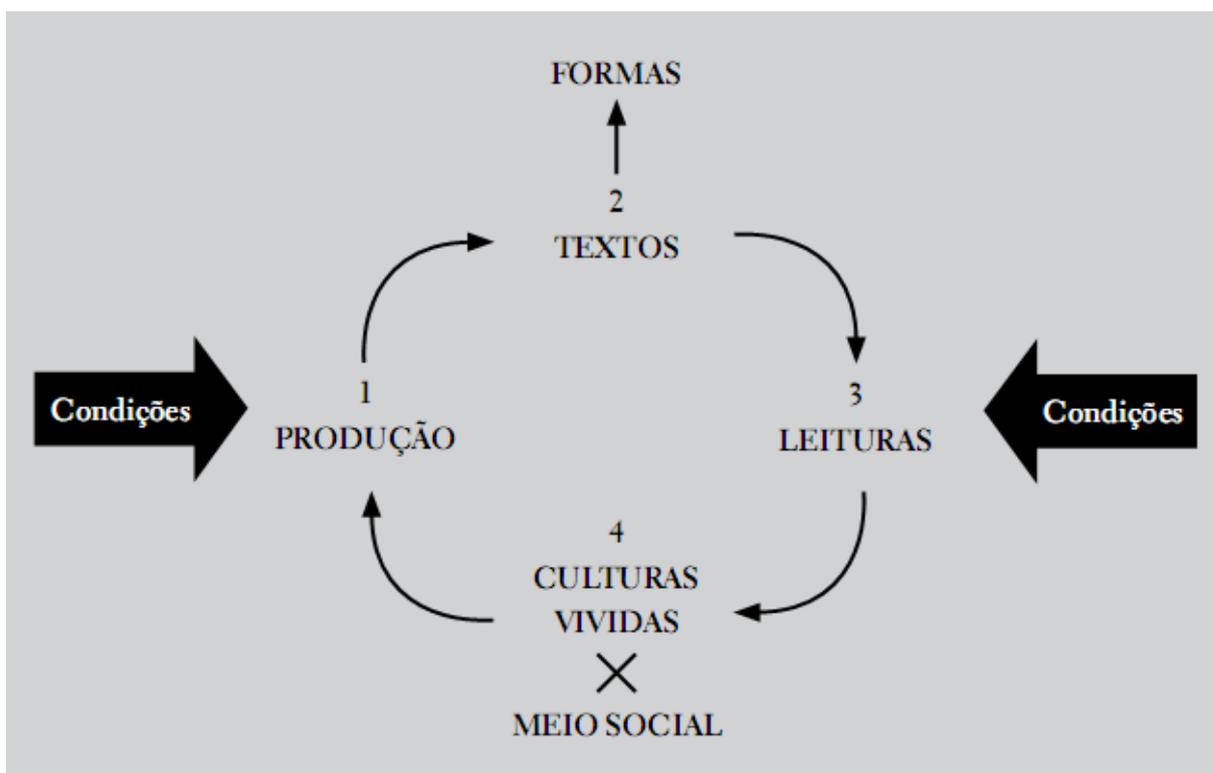


Figura 1: circuito da cultura de Richard Johnson

Esta pesquisa irá focar no elemento texto do circuito da cultura. (JOHNSON, 2006), buscando um mapeamento de elementos que tragam, a partir das indicações do discurso fílmico, temas que podem ser observados em relação às questões deste trabalho, que têm como foco principal a questão do global, a identidade cultural e a diferença, mais especificamente a negociação entre o local e o global que descreve García Canclini.

A estratégia metodológica proposta nesta pesquisa será a de revisar algumas noções teóricas oriundas dos estudos culturais sobre identidade e globalização, de forma concomitante à leitura da narrativa de *O Banheiro do Papa*, de forma que o foco principal seja mantido no texto e nos diálogos.

2. Identidade e nação em O Banheiro do Papa

Neste momento, vamos iniciar a revisão teórica sobre algumas agendas de pesquisa próprias dos estudos culturais. As questões abordadas, que vão ao encontro da análise objetivada por essa pesquisa, serão relacionadas à leitura de *O Banheiro do Papa*, a partir de temas preferenciais encontrados em autores como Stuart Hall, Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero, sendo abordadas a relação entre identidade e nação, a relação entre identidade e diferença e ainda a globalização.

A noção de identidade nacional, a qual estabelece com o sujeito uma relação de pertencimento, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” auto-evidente. (BAUMAN, 2005 p. 26), foi adquirindo força e definição a partir da consolidação dos Estados Modernos. A narrativa da nação é contada de forma a buscar origens comuns, enfatizando a continuidade e as tradições. Desta forma, é possível que o sujeito tenha a identidade nacional como algo a qual pertence desde seu nascimento.

Hall define três noções de identidade constituídas no processo histórico: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo possuía uma identidade baseada na ideia de pessoa humana centrada, dotada de razão, consciência e ação com características específicas desde o seu nascimento, as quais se desenvolviam, mas permaneciam essencialmente as mesmas até a sua morte. A noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno (HALL, 1992, p. 11), o que admitia a influência de fatores externos ao indivíduo na formação da sua identidade. Essa concepção faz com que o sujeito sociológico faça parte da estrutura da sociedade, estabilizando a relação entre o sujeito e os mundos culturais em que ele habita.

Já o sujeito pós-moderno, que é definido por Hall como uma “celebração móvel” (HALL, 1987), formada e transformada continuamente, surge de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno que deslocam o sujeito sociológico, que possuía identidade essencialmente cartesiana. Hall descreve esta formação do sujeito pós-moderno definindo cinco destes descentramentos: (1) o marxismo reinterpretado, que coloca as relações sociais como agente e não o sujeito individual deslocando a noção de essência do homem; (2) Freud e a descoberta do inconsciente, que define a identidade como algo formado ao longo do tempo, portanto, sempre em formação e incompleta; (3) Saussure, que através do seu trabalho de lingüística coloca o significado e, por consequência, a identidade, como permanentemente instável, pois a sua definição só acontece a partir da diferença de outro, o que impede sua afirmação definitiva (do significado e da identidade), pois o que está fora permanece em movimento, modificando as relações de diferença; (4) Foucault e o poder disciplinar que faz compreender que quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual; e, por fim, (5) o feminismo, que partindo de um movimento que pretendia contestar a posição social das mulheres, colocou em pauta a *política de identidade* (HALL, 1992, p. 45), praticada por diversos movimentos sociais que buscam definir sua identidade.

Este sujeito, que anteriormente possuía uma identidade única e permanente em equilíbrio com a sociedade passa a lidar com paisagens sociais em constantes mudanças. Esta “modernidade líquida” (BAUMAN, 2005) impõe mudanças constantes ao sujeito pós-moderno devido a sua influência nas estruturas externas com as quais este sujeito demarcava sua identidade. O sujeito pós-moderno lida com uma pluralidade de identidades. No caso das identidades nacionais, este sujeito sentia inserido em uma nação que lhe conferia uma identidade sólida, porém, as demarcações desta tornaram-se móveis, o que estabelece um quadro que podemos chamar de crise de identidade.

O sujeito pós-moderno, tornado “celebração móvel”, é fruto dessa crise de identidades. Ao falar sobre a importância que os estudos das identidades tomaram entre os sociólogos, Bauman cita Martin Heidegger: você só tende a perceber as

coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma (BAUMAN, 2005 p. 23). Esta citação permite ver a dimensão das mudanças que o processo de construção das identidades vem sofrendo.

A ideia de nação pode ser definida como uma identidade cultural unificada, porém, esta identidade unificadora ‘costura’ muitas outras, sem suprimi-las abrangendo muitas diferenças e convivendo com divisões e contradições internas, além de lealdades e marcações de diferença que se sobrepõem. Mesmo abrangendo estes conflitos “as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes, mais particularistas, de identificação cultural” (HALL, 1992 p. 67). As identidades culturais nacionais vêm sofrendo deslocamentos, tanto quanto a identidade dos sujeitos que compõe a nação, devido ao processo de globalização (HALL, 1992 P. 67). Os deslocamentos das identidades individuais e da identidade cultural da nação são relativos e dependentes, uma vez que toda definição identitária requer uma referência a categorias coletivas mais gerais que a especificam (LARRAIN, 2003, p. 32).⁴

Na América Latina, estes processos tomam alguns contornos específicos, devido ao processo de modernidade ter ocorrido de forma tardia. Esta modernidade tardia (GIDDENS,1991, p. 177) confere as nações latino-americanas uma série de descompassos. Ao contrário das nações europeias, as nações latino-americanas não construíram estados modernos, provedores das necessidades de seus cidadãos, antes de se confrontarem com a pós-modernidade e a globalização. Sendo assim, o deslocamento da identidade cultural nacional ocorre sem que essa esteja desenvolvida, gerando ainda mais descompassos. No mesmo país, na mesma região, encontram-se pessoas com acesso a informação, tecnologias atuais e em contato com o global e também outras que vivem em regiões abandonadas, sem resquícios de desenvolvimento.

⁴ Tradução do autor. Texto original: “toda definicióni dentitaria requiere una referencia a categorías colectivas más generales que la especifican”(LARRAIN, 2003, p.32)

Apesar de, da mesma forma que a Argentina, o Uruguai ter vivido o processo da modernidade mais precocemente que outros países da América Latina, o estado uruguaio encontra-se, e é apresentado desta forma na narrativa, incapaz de suprir as necessidades de seus cidadãos. Ao assistirmos *O Banheiro do Papa*, a primeira representação do estado uruguaio que temos contato é a bandeira que tremula acima da aduana da qual desviam os sacoleiros. Nesta sequência, após vermos a bandeira uruguaia, os sacoleiros⁵ resolvem cruzar a fronteira através do campo, para escapar da revista do exército. Esta ação expõe a relação conflituosa que os sacoleiros, e, por consequência, suas famílias e pessoas de mesma classe social, possuem com o estado: o braço estatal representado pela aduana e pelos soldados sob a bandeira uruguaia é um obstáculo para a atividade deles. Atividade ilegal que é praticada e possibilitada devido a economia fraca do país.

Enquanto os sacoleiros fazem seu caminho pelo campo, são abordados pelo fiscal Meleyo. Ao fazer esta abordagem, Meleyo cumpre sua função fiscal, porém o faz de maneira corrupta e também humilha os sacoleiros. Beto observa, escondido atrás de uma pedra, quando Negro tem uma garrafa de uísque levada pelo fiscal e Mono Lemos tem toda sua carga jogada no chão, depois de ouvir provocações que falavam de sua família. Sequência que coloca mais uma vez o estado em relação conflituosa com os sacoleiros. Em outras passagens da narrativa podemos observar consequências da falência do estado que ao fracassar em prover as necessidades dos cidadãos ou promover um ambiente propício para que se desenvolvam, enfraquece a identidade nacional.

Carmen, esposa de Beto, também possui uma atividade econômica informal: lava e passa roupas. Em uma cena, Sílvia chega em sua casa após ter saído para entregar as peças lavadas e avisa a mãe que uma das clientes só poderá pagar no próximo mês, pois trocou de carro e ficou sem dinheiro. Carmen acaba por aceitar esta condição, uma vez que no trabalho informal são feitos acordos sem algum tipo de registro ou garantia. Nesta mesma cena Beto sugere a Carmen que Silvia passe

⁵ A expressão “Sacoleiros” como tradução de Bagayero, seguindo as legendas em português do filme. Sendo estas pessoas, como o personagem Beto, que se sustentam financeiramente comprando mercadorias do outro lado da fronteira para serem revendidas em seu próprio país.

a ajudá-lo nas viagens pela fronteira. Frente à negativa de Silvia, argumenta que também vão mulheres e que ela poderia trazer uma carga menor. Desta forma expõe uma parcela das condições de trabalhos informais.

3. Diferença e marcação simbólica a partir da narrativa

As identidades são apresentadas por meio de discursos. O processo de identificação do sujeito envolve uma escolha, um posicionamento que acontece através das marcações de diferenças. Cada discurso de identidade possui caráter discriminatório.

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa*, de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. (...) A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída (...) (HALL, 2000 p.110).

As identidades são definidas por meio da marcação da diferença. (WOODARD, 2000 p. 39), o que coloca a diferença como necessária para a construção de uma identidade. Nesta marcação de diferenças é que se define a inclusão ou não de uma característica ou uma história progressa em uma determinada identidade.

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (WOODWARD, 2000 p.39).

Kathryn Woodward acrescenta ainda que estas formas de diferença, simbólica e social, se estabelecem através de *sistemas classificatórios*. Esses sistemas dão aos sujeitos princípios de diferença capazes de separar o que compõe ou não uma identidade, separa o que está dentro do que está fora.

Muitas vezes estas marcações de diferença são feitas através de oposições binárias, seguindo a tendência de Saussure (WOODARD, 2000 p. 49), que julgava as oposições binárias essenciais para a produção de significado. Esses dualismos tendem a dar um peso ou importância desiguais entre os dois lados, o que caracteriza uma relação de poder. Esse tipo de relação sofre algumas críticas e

contestações de autores como Derrida (WOODARD, 2000 p. 50) e de movimentos sociais que fazem a *política de identidades*, que colocam e defendem a possibilidade de que uma identidade não seja apenas o oposto de outra, por exemplo, quanto à questão de gênero, na oposição homem/mulher: uma mulher é apenas aquilo que um homem não é? Não existem outras identidades que diferem as mulheres entre elas? Não existem pontos de intersecção entre as identidades de mulher e homem? Devemos ter em vista que as oposições binárias, pertencentes a uma visão estruturalista, tornam-se essenciais para caracterizar algumas marcações simbólicas, ao mesmo tempo em que essas perguntas diversas e as críticas feitas por Derrida são importantes para a compreensão de um sujeito formado por relações complexas, de conflito e negociação entre diferentes papéis sociais que protagonizam a pós-modernidade.

Ao início da narrativa, Beto é um sujeito identificado como uruguaio, melense, pai de família e sacoleiro. A relação de Beto com o estado uruguaio é conflituosa, pois o braço estatal mais presente no cotidiano dele é a figura do fiscal que dificulta sua atividade como sacoleiro. Beto e Carmen, sua esposa, podem ser identificados como pertencentes a um território, Melo – Montevideo é um lugar muito distante para a filha Silvia e o que permite o sustento financeiro da família é a fronteira com o Brasil; porém a atividade de Beto é abastecer Melo de produtos a preços que a economia uruguaia não permite. Beto também exerce o papel de pai de família que trabalha pelo sustento do lar, sustento que vem da atividade de sacoleiro, que é ilegal, porém aceita como trabalho. Compreendido como sujeito pós-moderno, o personagem exerce vários papéis, que lhe conferem diferentes identidades. Ao ser apresentado na narrativa da obra, o cotidiano de Beto permite que estes papéis sejam cumpridos de forma equilibrada e concomitante.

Em algumas passagens da obra, o personagem Beto afirma sua relação de identificação com a atividade de sacoleiro. Em uma cena Beto prepara-se para sair de bicicleta rumo ao Brasil e comprar os produtos encomendados e quando Carmen lhes dá algumas recomendações ele a tranquiliza dizendo “Quem é o sacoleiro da família?” ao que Carmen responde: “Tu”. A ocupação de sacoleiro é, apesar de ilegal, estabelecida e reconhecida pela sociedade retratada, sendo a identidade

vinculada a ela de conhecimento de todos, como fica claro quando Silvia, filha de Beto, procura incluir-se fora dela dizendo: “não sou e nunca vou ser sacoleira!”, tornando claro que as características comuns aos sacoleiros são claras naquela conjuntura. É uma passagem do filme que assume uma dimensão simbólica no sentido da diferença. Silvia, uma adolescente que busca afirmar uma identidade, posiciona-se fora dos limites da identidade de sacoleiro.

Em toda narrativa percebemos os sacoleiros como trabalhadores dedicados e perseverantes que, mesmo correndo os riscos de realizar uma atividade ilegal, e até sendo humilhados por conta disto, como retratado no início da obra, continuam trabalhando de forma esperançosa. Beto apresenta-se como incluído neste grupo de trabalhadores que mantêm a esperança. Mesmo depois de passar pela decepção de ter perdido um de seus carregamentos e do desolamento de embriagar-se por conta disto, procura restabelecer-se e, para isso, resolve construir um banheiro para alugar no dia da visita do Papa. Primeiramente investe as economias familiares na obra e quando estas se esgotam, procura trabalho pela cidade; porém, após ter perdido a carga e se embriagado, nenhum comerciante lhe faz encomendas.

O sujeito pós-moderno tende a exercer vários papéis que podem possuir intersecções como também colidir. Neste ponto da narrativa as identidades de Beto, apresentadas ao início, deixam de co-existir de forma equilibrada. Ao não conseguir trabalho, a identidade de sacoleiro lhe é tirada. Como a maioria dos melenses, sonha em conseguir algum lucro durante a visita do Papa, porém não possui dinheiro para investir e como não consegue trabalho, não sabe como consegui-lo. Beto também não consegue cumprir seu papel de pai de família, pois o relacionamento com a filha não é bom e não consegue sustentar a casa. Em busca de alternativas de renda Beto aceita trabalhar para Meleyo, o fiscal corrupto da aduana. Este personagem, abusando da posição que ocupa, além de contrabandear produtos da mesma forma que os sacoleiros, humilha-os e toma para si alguns produtos durante a fiscalização. Ao negociar seus valores e aceitar esse acordo com Meleyo, Beto negocia ainda mais suas posições de sujeito. Cumpre vários papéis ao mesmo tempo e não possui identidade fixa, pois, além destes papéis, se conflitarem

em alguns momentos, ele está inserido, talvez de forma inconsciente, em uma modernidade líquida que impõe mudanças constantes.

Ao voltar de uma viagem ao Brasil, Beto resolve não atravessar a fronteira através do campo, pois machucou seu joelho e este dói muito. Segue, então, pela estrada até a aduana, confiando que não terá sua carga retida pela fiscalização, pois a encomenda que leva é somente de alimentos. Ao chegar à aduana Beto é abordado por um dos soldados e argumenta que está levando coisas para sua própria casa. Ao tentar convencer o soldado a não verificar seu carregamento, acaba por chamar a atenção do Capitão Alvarez, que se aproxima. Beto mais uma vez tenta argumentar, dizendo que possui família e que está trabalhando. Ao ouvir Beto citar a atividade de sacoleiro como trabalho, Capitão Alvarez responde: “Trabalho? Entre no exército e lhe mostro o que é trabalho. Isto é trabalho”. No diálogo que nos apresenta esta cena, podemos perceber na resposta do Capitão Alvarez um discurso que demarca diferenças: um integrante do exército é trabalhador e, entre suas funções, não deve permitir que se faça uma atividade que, por se opor a atividade dele, não pode ser considerada trabalho. Ao final da cena, Beto tem sua mercadoria retida, pois haviam escondido pilhas dentro dos pacotes de erva-mate que levava. O que permite mais um comentário do Capitão Alvarez: “Te parece que isto é trabalhar? Isto é viver enganando os outros.”

4. Identidade e o global

A pós-modernidade, ao comprimir o espaço-tempo (HARVEY, 2003 p. 349), influencia o processo de representação da nação, estruturada em narrativas que conferem noções de união e características exclusivas de identidade nacional, gerando assim uma tensão entre o local e o global. Embora a globalização sugira, *a priori*, uma homogeneização das identidades, esta tensão não necessariamente resulta na dissolução de um ou de outro, mas numa negociação (GARCÍA CANCLINI, 2004) onde o local pode ser valorizado, reformulado ou, ainda, traduzido diante de uma nova realidade.

Stuart Hall coloca três questões pontuais para defender esta não homogeneização das identidades. A primeira delas é baseada na diferença, confirmando a necessidade dela para o discurso de uma identidade, ou seja, não há como existir uma identidade sem que haja algo que não pertença a ela e abordando também umas das consequências das negociações entre o local e global: um não irá dissolver o outro, os dois provavelmente irão se reformular: simultaneamente, *novas* identificações “globais” e *novas* identificações “locais” (HALL, 1992, p. 78). A segunda questão colocada é a forma desigual com que a globalização está distribuída no mundo, gerando diferentes impactos em regiões e camadas populacionais diferentes. Podemos relacionar a esta questão, também, o processo de modernidade tardia pelo qual passaram muitos países, incluindo os latino americanos. A terceira questão que Hall coloca é que, embora a globalização atinja o mundo inteiro, a homogeneização é um fenômeno que pertence muito mais ao ocidente, uma vez que o oriente vive este processo de outra forma, outra velocidade principalmente, desequilibrando o fluxo de informações e afastando a tendência à homogeneização.

Néstor García Canclini conceitua a globalização que desglobaliza:

o que acontece é que se convertem em minorias conjuntos populacionais majoritários ou massivos formados em escala transnacional, como, por exemplo, as etnias, os falantes de uma mesma língua e as redes de consumidores multinacionais. (GARCIA CANCLINI, 2004).

Como consequência disso, podemos observar alguns nichos de mercado como os mercados de música, livros e distribuição de filmes, onde o comando das empresas que controlam a maior parte destes mercados está fora da América Latina. Ou seja, a decisão do que os latino-americanos vão ler, ouvir e assistir é transferida para fora, da América Latina, o que insere estes países em uma realidade global, mas transforma esta população em minoria.

A economia globalizada prega, e muitas vezes impõe, a diminuição das regulamentações do estado. Esta auto-regulamentação dos mercados dilui fronteiras e, fazendo isto, diminui o poder do estado. As nações já não são o que eram, nem têm fronteiras ou alfândegas fechadas que contenham o que se produz em seu interior e filtre o que vem de fora (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 33). A dissolução de

fronteiras, marca da pós-modernidade, atinge em cheio o papel do estado-nação na vida do sujeito, que não pode mais esperar e conferir ao estado a solução de suas necessidades.

Em uma das cenas, Beto, ao conseguir quem lhe contrate para algumas viagens até o Brasil e, alegre, aposta uma corrida de bicicleta com Negro, seu companheiro. Ao final da corrida o joelho de Beto dói e o faz parar de pedalar; mesmo enfermo não desiste das viagens. Na primeira destas viagens vemos os sacoleiros de Melo espalharem-se por Aceguá, um retrato da política econômica que desconhece as fronteiras entre estados e faz com que ao viajar alguns quilômetros se adquira produtos com preços muito menores.

Ao ter sua influência e seu poder de regulamentação diminuídos, o estado acaba por abandonar seus cidadãos. Na narrativa de *O Banheiro do Papa* percebemos um interior abandonado, onde não há trabalho. Muitos dos personagens do filme não possuem uma atividade econômica reconhecida, o que influencia na construção da identidade através do trabalho. Questão abordada de forma ampla na narrativa.

Beto é um trabalhador informal, com o agravado de que a atividade que exerce é, além de informal, ilegal. Muitos dos outros personagens também exercem o trabalho informal: Carmen, esposa de Beto, Negro e os outros sacoleiros e os revendedores de Melo, como aqueles que Beto procura para comprar portas. Os trabalhadores formais que encontramos na narrativa são brasileiros que trabalham nas lojas de Aceguá; um funcionário de uma loja de construção de Melo, na qual Beto não tem dinheiro para comprar; Meleyo, que é um funcionário público e, também, corrupto; os integrantes do exército; os jornalistas que chegam de fora para fazer a cobertura da visita do Papa e a amiga de Silvia que trabalha em um canal de televisão da capital e torna-se o modelo de vida da garota. Esta posição de Beto em relação às atividades que o Estado legitima, apresenta-nos a questão da identidade do trabalho dentro do processo de globalização sob o ponto de vista de quem vive subordinado ao sistema econômico.

O trabalho confere uma identidade ao homem. Esta é uma ideia moderna, que pode ser observada a partir do modelo marxista. Numa realidade em que a pós-modernidade propicia, e em algumas conjunturas talvez estimule, atividades com fins econômicos não formalizadas. Este tipo de atividade também é capaz de conferir uma identidade? Estas atividades são trabalhos? Dentro da narrativa de *O Banheiro do Papa* podemos analisar alguns momentos em que estas questões são abordadas. Na cena em que Silvia diz a Beto que não vai ser sacoleira identificamos uma marcação de diferença forte. Podemos, assim, deduzir que exista uma identidade de sacoleiro demarcada dentro daquela realidade. Em dois trechos do filme podemos buscar indícios de como é respondida a segunda questão. O personagem Capitão Alvarez, quando aborda Beto, diz que se ele entrasse no exército, ele saberia o que é trabalho. Esta frase, além de uma forma do personagem Capitão Alvarez afirmar as diferenças quanto a Beto, expõe uma visão do que é trabalho para este sujeito, não podendo a atividade de sacoleiro ser considerada uma forma de trabalho. Em outra passagem do filme, podemos perceber uma forma de negociação do conceito de trabalho. Carmen e sua vizinha, Tereza, conversam sobre a visita do Papa à cidade. Carmen diz que acha pecado fazer negócio com a visita do Papa, ao que Tereza responde: “Não é negócio, é trabalhar e aproveitar esse dia que vem tanta gente.” Podemos perceber uma reformulação do conceito de trabalho: para aqueles que se encontram em uma posição onde o trabalho formal não é acessível, a informalidade torna-se fonte de renda e, portanto, trabalho. Sendo assim, a concentração de pessoas é uma oportunidade para vender e conseguir algum dinheiro, ou seja, trabalhar.

5. Conclusão

Os processos de construção da identidade, do discurso como marcação da diferença e, principalmente, da globalização, são, na maioria das vezes, vistos a partir de uma visão macro. O que é acertado, tendo em vista as dimensões que estes processos tomam ao redor do globo. O que a análise destas questões a partir de *O Banheiro do Papa* nos permitiu foi observar estes processos de outro modo, a

partir da visão daqueles que, uma vez não incluídos no centro das mudanças, apenas são testemunhas de suas consequências.

Os habitantes de Melo vivem à margem da velocidade imposta pela pós-modernidade e pelo processo de globalização. A visita do Papa é aguardada com grande expectativa pelos moradores, pois além de ser a visita da figura máxima da religião predominante no país, lhes chegam através dos meios de comunicação notícias de que a cidade será tomada de fiéis. O Papa chega, com ele não chegam tantas pessoas quanto o esperado, o Papa vai embora. A visita aconteceu, os meios de comunicação noticiam o evento e vão embora. Todo o evento, além de não ter atingido as expectativas quanto ao público, aconteceu em uma velocidade muito maior que a do cotidiano dos habitantes de Melo.

Os personagens principais da narrativa vivem o global de forma inconsciente. As negociações dos valores e a reformulação das identidades acontecem na medida em que os impactos do global chegam ao espaço em que eles habitam. Como fica claro quando Carmen demonstra total falta de inserção na política de identidades quando diz para Silvia: “porque não estuda corte e costura como qualquer mocinha?” ou quando Beto não considera a dissolução de fronteiras de mercado ao rechaçar a sugestão de Carmen de vender medalhinhas feitas em Jaguarão: “acha que os brasileiros vão vir para cá e comprar medalhinhas brasileiras?” que ao final são vendidas em grande número por outra pessoa. Esta inconsciência do processo de globalização faz com que Melo seja um espaço de resistência, que acaba por legitimar o global, uma vez que demarca diferença dos discursos. Ao final da visita do Papa, Beto caminha entre as pessoas carregando um vaso sanitário nos ombros, logo após, oferece o uso de seu banheiro entre a multidão. Beto, ao construir o banheiro tentou inserir-se na situação que se apresentava, ao mover-se entre a multidão mantém a esperança de que seu investimento dê certo, porém não compreende a lógica da situação.

Conclui-se que *O Banheiro do Papa* é capaz de colocar a questão do global, das identidades culturais e das diferenças em foco e o faz expondo a face de quem se encontra dentro deste processo global de forma inconsciente, processo este que não cessa e não chega a uma conclusão, assim como a trajetória dos personagens

da narrativa. Depois do fracasso de todos os investimentos feitos para a visita do Papa, o filme encerra-se com uma cena onde Beto sai para trabalhar e é acompanhado no caminho por sua filha Silvia, seguida de outras onde afazeres cotidianos são realizados e conclui-se em uma cena em que Beto, dentro do banheiro construído para a visita do Papa chama sua esposa, lhe dizendo que teve uma nova ideia.

O Banheiro do Papa possibilita ao espectador perceber o Uruguai a partir de seu interior e de indivíduos que não se colocam como protagonistas no processo global. Esta capacidade de exposição do outro lado da globalização dimensiona a importância da circulação dos produtos culturais da América Latina que possibilitam a leitura por este viés. Obras que, assim como *O Banheiro do Papa*, são territorializadas oportunizam a difusão da visão de quem não protagoniza os processos, para que a população em geral possa reconhecer esta faceta.

Referências Bibliográficas

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3ªed. Rio de Janeiro DP & A, 1999.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Trad. Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**, Trad. Maurício Santana Dias, Javier Rapp – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século** Trad. Sérgio Molina – São Paulo: Iluminuras, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo : UNESP, c 1991. 177 p.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 410 p.

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 236 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 12ª. ed. São Paulo: Loyola, c 2003. 349 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Banedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005. 109p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 133p.

VANOYE, Francis. **Ensaio Sobre Análise Fílmica**. Francis Vanoye, Anne Golliot-Lété. Trad. Marina Appenzeller – Campina : Papirus, 1994.

Referências Filmográficas

O BANHEIRO DO PAPA. Direção: César Charlone e Enrique Fernández. Produção: Elena Roux. O2 FILMES e CHAYA FILMS, 2007. 1 DVD (90min).

O CLUBE DA LUA. Direção: José Campanella. Produção: Fernando Blanco, Gerardo Herrero, Jorge Estrada Mora e Adrián Suar. 100 ABRES, JEMPSA, POL-KA PRODUCCIONES e TORNASOL FILMS, 2004. 1 DVD (143min).

A TETA ASSUSTADA. Direção: Claudia Llosa. Produção: Antonio Chavarrías, Claudia Llosa e José Maria Morales. VELA PRODUCCIONES, WANDA VISIÓN S.A. e OBERÓN CINEMATOGRAFICA, 2009. 1 DVD (95min).

BABEL. Direção: Alejandro Iñárritu. Produção: Steve Golin, Alejandro González Iñárritu e Jon Kilik. PARAMOUNT PICTURES e PARAMOUNT VANTAGE, 2006. 1 DVD (142min).